



RATIO - FACULDADE TEOLÓGICA E FILOSÓFICA
PÓS-GRADUAÇÃO EM TELEJORNALISMO

FRANCISCO JOSÉ ALBUQUERQUE NOGUEIRA

JORNALISMO ESPORTIVO E INVISIBILIDADE FEMININA: UMA ANÁLISE
SOBRE A PRESENÇA DAS MULHERES NA PROGRAMAÇÃO ESPORTIVA
DAS RÁDIOS DE SOBRAL EM 2019

Fortaleza - CE

2020

**JORNALISMO ESPORTIVO E INVISIBILIDADE FEMININA: UMA ANÁLISE
SOBRE A PRESENÇA DAS MULHERES NA PROGRAMAÇÃO ESPORTIVA
DAS RÁDIOS DE SOBRAL EM 2019**

Artigo submetido à aprovação do Curso de Especialização em Telejornalismo pela Ratio - Faculdade Teológica e Filosófica, como requisito parcial para obtenção de título de Especialista.

Orientador: Prof. Ms. Eduardo Bruno Fernandes Freitas

Fortaleza - CE

2020

FICHA ASSINADA QUE SERÁ ENTREGUE PESSOALMENTE

**FICHA DE ORIENTAÇÃO ASSINADA POR EDUARDO QUE SERÁ ENTREGUE
PESSOALMENTE**

JORNALISMO ESPORTIVO E INVISIBILIDADE FEMININA: UMA ANÁLISE SOBRE A PRESENÇA DAS MULHERES NA PROGRAMAÇÃO ESPORTIVA DAS RÁDIOS DE SOBRAL, EM 2019

Francisco José Albuquerque Nogueira

Pós-graduação em Jornalismo para TV e Mídias Eletrônicas

Faculdade Ratio

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a presença feminina no Jornalismo Esportivo, transmitido nas rádios da cidade de Sobral, Ceará. Para compor o referencial teórico, apresentamos conceitos de autores como Aparecida Maria Nunes (2006), Regina Helena de Paiva Ramos (2010), Paulo Vinícius Coelho (2003) e Ferraretto (2014), a fim de realizar uma análise e pesquisa a respeito da presença de mulheres em programas esportivos de diferentes emissoras sobralenses (Rádio Coqueiros, Rádio Paraíso FM e Rádio Educadora do Nordeste). Para efeitos comparativos, exibimos os resultados de um estudo anterior feito em 2017, relacionando-o com um novo levantamento de dados coletados em 2019, evidenciando um novo/velho cenário da invisibilidade feminina no Jornalismo Esportivo do rádio sobralense que, apesar de crescer paulatinamente a presença do sexo feminino em veículos de imprensa, na editoria de esportes, o protagonismo das mulheres ainda representa um número insignificante.

Palavras-Chave: Gênero. Mulheres. Jornalismo Esportivo. Rádio. Sobral

ABSTRACT

This research has the objective of analyzing the female presence in the Sport Journalism transmitted on the local radios of the city of Sobral, Ceara state. The theoretical frame of reference will be composed of concepts from the authors Aparecida Maria Nunes (2006), Regina Helena de Paiva Ramos (2010), Paulo Vinícius Coelho (2003) and Ferraretto (2014) in order to realize an investigation and research about if there is, in fact, presence of feminine professionals in different programs about sports on radio stations from Sobral, for example the Radio Coqueiros, Paraíso FM and Educadora do Nordeste. The conclusion is that the presence of women in the general Journalism increases significantly, but specifically in the sports editorial this same presence is minimal. So, based on a past article written in 2017, a review will be done using those previous data collected on that occasion bringing it to 2019 to see if the past scenario of nonexistence feminine presence in the Sport Journalism in the radio stations of Sobral is the same.

Keywords: Gender. Women. SportJournalism. Radio. Sobral

01. Introdução

Os estudos desse artigo abordarão a presença da mulher no Jornalismo Esportivo atual e dessa forma, contextualizar e investigar as questões relacionadas ao gênero e ao jornalismo, diante das dificuldades que envolvem a mulher nos meios de comunicação, tendo como foco o rádio, veículo de comunicação com um alcance amplo na cidade de Sobral.

Durante as observações, tivemos a necessidade de relatar as modificações históricas que o gênero feminino sofreu na cobertura de Jornalismo Esportivo ao longo do tempo e assim, discutir as relações que se estabelecem no conteúdo analisado como meio fundamental para aprofundar a pesquisa. Nesse sentido, os estudos da mesma são de relevância social para observar os preconceitos que o sexo feminino sofre na região Norte do Estado, acerca da presença ou não do gênero em um meio bastante identificado, com características de um emissor do sexo masculino, o Rádio Esportivo.

02. Metodologia

Os procedimentos metodológicos usados no trabalho foram baseados em estudos feitos por autores da área, por meio de livros e análise de conteúdo de programas de rádio veiculados por três grandes emissoras locais: Rádio Educadora, Rádio Coqueiros e Rádio Paraíso, todas localizadas na cidade de Sobral. Neste artigo, procuramos compartilhar os resultados dos estudos já feitos em 2017 e trazer como comparação para 2019.

Dispomos como análise todo um contexto histórico e social das relações e das práticas do sexo feminino, enquanto emissor do discurso no meio do Jornalismo Esportivo no rádio. As relações quanto à análise de gênero, discutidas na pesquisa, envolvem o Jornalismo Esportivo no rádio e a voz emissora do discurso, qualificando como uma perspectiva social e histórica.

No entanto, durante os estudos para esse artigo científico, fez-se necessário entender as questões que envolvem o papel da mulher na profissão de comunicadora, e principalmente na editoria de esporte, uma vez que dada a cultura estabelecida, a maior parte de empregados é apenas de um único gênero, o masculino. O presente estudo se faz por caráter explicativo, tendo em vista elucidar e contextualizar o trabalho, através de conteúdos recolhidos por meio de livros, pesquisas e estudos publicados, analisando as formas de discurso presentes nesses veículos de comunicação.

Na revisão bibliográfica, para subsidiar os estudos em questão, se pesquisou autores ligados ao tema, como Aparecida Maria Nunes (2006), Regina Helena de Paiva Ramos (2010), Simone de Beauvoir (1967), dentre outros. Os métodos de pesquisa se constituem em compreender, interpretar e mapear a presença feminina nesses meios de comunicação, tendo em vista um estudo de caráter social, cultural e de gênero.

Os tópicos desenvolvidos neste artigo têm na sua composição questões referentes ao papel da mulher enquanto emissora do discurso, focando na participação ou não da mesma como protagonista na editoria de esportes no rádio, em Sobral, e os princípios que regem tal participação. Buscando conceitos e pesquisas quanto à análise de conteúdo, contidos nesses veículos de comunicação, apresentamos a dinâmica de profissionais da imprensa local, e por meio da presença na programação em suas respectivas emissoras, mostrar se acabam contribuindo ou não para a entrada do sexo feminino no meio.

Para compor o percurso investigativo, no primeiro momento apresentamos uma discussão para as questões de gênero. No segundo, trabalhamos a respeito do papel da mulher como emissora na comunicação e os preconceitos. Em uma terceira parte, abordamos a comparação entre as pesquisas realizadas em 2017 e 2019, trazendo a “involução durante o período” e por último, as conclusões.

03. Questões de gênero

Nesse tópico, vamos trazer algumas observações a respeito de gênero. Dentre os autores, podemos citar Butler (1990) e Coelho (2003). Considerando questões que envolvem a representatividade e a presença das mulheres no Jornalismo Esportivo na cidade de Sobral, especificamente de um veículo de comunicação, que é bastante utilizado e que possui um grande alcance, o rádio. Assim, situando uma construção de imagem cultural, estabelecida acerca do gênero feminino dentro da editoria de esportes no rádio sobralense. Vale trazer também informações importantes e dificuldades que são impostas para a entrada das mulheres na conjuntura jornalística do rádio na cidade, sendo explorado dentro de um contexto do discurso esportivo desses veículos na comunicação local.

Ainda em 2019 as mulheres encaram todos os dias diversos preconceitos e obstáculos na cidade. Com isso, os estudos trazem o papel e o posicionamento feminino enquanto voz ativa do Jornalismo Esportivo. Contudo, durante a pesquisa, se fez necessário evidenciar e compactuar discursos sobre análises de gênero na comunicação,

dada a confusão e grandes dúvidas do termo “gênero”, expondo as dificuldades e preconceitos para a entrada das mulheres no Jornalismo Esportivo do rádio. Contextualizamos dessa forma esse mapeamento através de teorias e visita às emissoras (Paraíso, Coqueiros e Educadora).

Conseqüentemente nesse tópico, trazemos os estudos de gênero acerca do grande alcance do Jornalismo Esportivo, como uma editoria bastante crescente no atual mercado de comunicação da região Norte do Estado. Sob o mesmo ponto de vista, conseguimos englobar em suas pautas diferentes tipos de observações na pesquisa. No entanto, trazemos as questões de gênero para uma análise mais completa e eficaz, que são necessárias e fundamentais para contextualizar as explicações existentes na construção e nas representações do papel da mulher no atual mercado de trabalho, em Sobral. Observa-se que tal cenário é um retrato retrógrado do atual Jornalismo Esportivo do rádio.

No jornalismo, em especial a editoria dos esportes, podemos destacar o papel da mulher no rádio, considerando cultural e historicamente as questões de gênero, nas quais o sexo feminino sempre encontrou dificuldades e barreiras para sua inserção. E essa representatividade feminina, no mercado de trabalho jornalístico, é analisada pelo autor Coelho (2003). Ele destaca que o Brasil e alguns países latino-americanos foram pioneiros, na primeira metade do século XX, a colocarem mulheres nesta profissão, inserindo-as em editorias e veículos jornalísticos, como uma forma de “necessidade” de ascensão.

Em seus estudos, Coelho (2003) revela que o fracasso profissional feminino pode ter um peso muito maior do que em relação ao sexo masculino, pois segundo o mesmo, as mulheres têm em seus princípios medos maiores do que o fracasso no emprego, e que o maior medo enfrentado por elas é a frustração de deixar e errar no papel de mãe e esposa. Em sua obra “Jornalismo Esportivo”, o autor fala sobre a relação de gênero estar relacionada dentro de uma perspectiva do feminismo, pois tais movimentos sociais e culturais estão diretamente associados à visibilidade das mulheres e ao combate do preconceito sofrido por elas.

De acordo com o mesmo autor, essa inserção surge a partir de movimentos e grandes direitos que foram adquiridos ao longo da história pelo gênero feminino. Nesse contexto, as mulheres devem estar preparadas para lidar com várias contradições para

assim serem respeitadas, com o dever de agir, pensar e trabalhar, usando sempre como uma referência dessas ações a expressão “trabalhar como homens”.

Em outra análise, trazemos a filósofa estadunidense de orientação pós-estruturalista, Judith Butler, que figura como um dos nomes mais importantes para refletir sobre temas voltados à questão de gênero. Em sua obra, a mesma discorre sobre inflexões feitas em estudos e análise de grandes nomes na história, como Simone de Beauvoir, Michel Foucault, Jacques Lacan e Sigmund Freud. E com isso, Butler (1990) explica sobre o mundo “falocêntrico”, termo que vem do “Falocentrismo”, uma convicção baseada na superioridade masculina e o mundo que gira ao redor do homem. A autora citada ainda afirma que gênero é socialmente construído, e não um resultado causal do sexo, porque não vem exatamente do sexo, mas vai além dos limites do corpo. Trazendo uma análise das questões de gênero e de identidade social, a autora afirma:

Haverá “um” gênero que as pessoas possuem conforme se diz, ou é o gênero um atributo essencial do que se diz que a pessoa, como implica a pergunta “Qual é o seu gênero? Quando teóricas feministas afirmam que o gênero é uma interpretação cultural do sexo, ou que o gênero é construído culturalmente, qual é o modo ou mecanismo dessa construção? Se o gênero é construído, poderia sê-lo diferentemente, ou sua característica de construção implica alguma forma de determinismo social que exclui a possibilidade de agência ou transformação? Porventura a noção de “construção” sugere que certas leis geram diferenças de gênero em conformidade com eixos universais da diferença sexual? Como e onde ocorre a construção do gênero? Que juízo podemos fazer de uma construção que não pode presumir um construtor humano anterior a ela mesma? (BUTLER, 1990, p. 26).

Importante para a problematização de várias categorias que englobam o gênero, Butler (1990) na obra “Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade”, apresenta uma discussão acerca do corpo, sexo e gênero. Trazendo um estudo sobre os significados do conceito de gênero e feminismo, analisando em sua obra a mulher a partir de uma construção solidária de identidade. Em algumas explicações, Butler (1990) fala que a ideia de gênero é “construída” e cita uma sugestão para determinismo e significados.

Embora a unidade indiscutida da noção de “mulheres” seja frequentemente invocada para construir uma solidariedade da identidade, uma divisão se introduz no sujeito feminista por meio da distinção entre sexo e gênero. Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção

entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado causai do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. (BUTLER, 1990, p. 24).

A autora fala também das dificuldades encontradas pelo sexo feminino em vários ambientes, trazendo a mulher como um gênero construído a partir de uma perspectiva e visão masculinas, ou seja, ela é compreendida e julgada por meio da sociedade. A escritora ainda cita uma explicação em corpos anatomicamente diferenciados, sendo estes compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Isto é, leis que geram diferenças de gênero. Ela observa a realidade do final do século XX, falando sobre o movimento feminista, trazendo seus conceitos e dificuldades enfrentadas na época. Sobre o movimento, a ideia é de compensar o feminismo para além do sujeito mulher, algo que pode parecer ameaçador, em um primeiro momento.

Para discutir um privilégio maior, a Heteronormatividade, e abrir o feminismo a partir dessa crítica, contribuimos com a percepção das relações com as inclusões sociais e culturais, conceituando e relacionando as várias lutas por igualdades de gênero, com o objetivo de estabelecer uma espécie de divisão entre os trabalhos e atividades, que podem ser feitas apenas por um sexo, definido através de questões históricas e estereotipadas como a força, característica histórica e popularmente envolvida ao sexo masculino. Nisso, Simone de Beauvoir (1967), em sua obra “O Segundo Sexo: A experiência de vida”, fala sobre a diferença física entre os homens e mulheres, e explica que a mulher fisicamente é mais fraca que o homem, mas a força só vai ter resultado e importância numa sociedade onde tem poder e dominação. É da autora a frase célebre “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”.

No livro “Mulheres Jornalistas: A grande invasão - Elas ocuparam as redações”, Ramos (2010) fala sobre as dificuldades encaradas no começo de sua carreira, em especial na área de assessoria de imprensa, comentando que até dentro de sua casa, por parte familiar, existia uma certa rejeição ao trabalho enquanto comunicadora: “Daí que, em 1954, quando fui convidada para trabalhar na *Gazeta*, dirigir a ‘Página Feminina’, minha mãe exultou: ‘Agora, pelo menos, você vai fazer uma coisa mais apropriada’.” (RAMOS, 2010, p. 26). A autora fala também sobre a atualidade:

Quem entrar, hoje, em redações de jornal, revista, rádio ou televisão e contar quantas mulheres jornalistas aí estão, verá que, em algumas elas são pelo menos a metade do total de profissionais. Às vezes, até mais que a metade. Em assessoria de imprensa e revistas, as mulheres chegam a dominar o ambiente de trabalho. (RAMOS, 2010, p.34)

Em sua obra, Ramos (2010) comenta sobre os desafios diários e preconceitos enfrentados pelas mulheres, apresentando um comparativo à atualidade que, segundo a autora, houve um crescimento da presença do sexo feminino na comunicação. Ela aprofundou em um contexto histórico e social das relações e das práticas do sexo feminino, enquanto emissor do discurso no meio do jornalismo¹.

No livro “Clarice Lispector jornalista: páginas femininas & outras páginas”, Nunes (2006) fala sobre o início da trajetória de Clarice na comunicação, originando-se de uma visão e dados do passado. Em um trecho, a autora fala sobre preconceitos e rótulos às mulheres no meio.

À medida que os anos foram passando – e com perspectiva para olhar o passado-, convenci-me de que fui discriminada. A coisa começava em casa, com minha mãe dizendo às amigas e parentes que aquilo que sua filha fazia não era “profissão para uma mocinha”. (Eu tinha vinte anos). Fazia-me rir, mas a conversa a meu respeito era uma só: “Coitadinha, trabalha muito, vai a lugares esquisitos, não tem hora para chegar em casa, o jornal é lá no fim do mundo, numa rua escura. Um buraco! Tem vezes que mandam ela fazer reportagem no meio de grevistas, com bombas de gás e tudo. Isso lá é profissão para uma moça? (NUNES, 2006, p.25)

Assim, se mostra como é tida a imagem do sexo feminino em vários veículos de comunicação, e o quanto essa imagem criada por jornalistas atrapalha ou influencia nas concepções estabelecidas pelas pessoas, acerca da visibilidade da mulher no Jornalismo Esportivo. Nunes (2006) ainda afirma que, em grandes coberturas jornalísticas, há uma preferência pelo sexo masculino, pois em se tratando de fazer cobertura, as matérias de pequeno interesse do público são sempre nomeadas para as mulheres, enquanto que os grandes eventos são destinados aos homens.

¹ O aumento de mulheres no campo jornalístico se deu a partir do final da década de 1930, com a profissionalização da carreira: criação de sindicatos, associações, divisão por editorias nas redações, exigência do diploma, inovações tecnológicas, entre outros. Em 1939, apenas 2,8% dos jornalistas, na capital do estado de São Paulo, eram mulheres, e os 10% foram alcançados somente em 1970. Em 1995, elas se tornaram maioria. Disponível em: <<https://factoagencia.wordpress.com/2013/04/22/mulheres-no-jornalismo-um-espaco-conquistado/>>. Acesso em 14 de Maio de 2019.

04. Discussão do papel da mulher como emissora na comunicação e preconceitos

Em 2018, pode-se dizer que a televisão brasileira passou por mudanças positivas no esporte. Se ao longo das últimas décadas nos acostumamos a ver apenas rostos masculinos apresentando, narrando e comentando programas esportivos na TV, desta vez, o público teve a chance de acompanhar mulheres ocupando esses postos nos principais canais da mídia esportiva no país. Quase todos os canais da TV fechada no esporte tiveram vozes femininas narrando jogos em 2018 (ESPN, Fox Sports e Esporte Interativo). Para além de tudo isso, uma outra grande conquista aconteceu para as mulheres no Jornalismo Esportivo: o movimento *#DeixaElaTrabalhar* marcou uma movimentação inédita delas contra o assédio e os abusos que sofriam no dia a dia de trabalho.

O objetivo do movimento foi denunciar e combater o assédio moral e sexual sofrido nos estádios, nas redações e nas ruas, encorajando outras mulheres a romperem o silêncio. Inspirada em movimentos como "Time's Up" e "Me Too", a campanha "Deixa Ela Trabalhar" ganhou as redes sociais e foi amplamente apoiada por profissionais da comunicação, torcedores e até por clubes de futebol. A frase também repercutiu na imprensa internacional e ganhou destaque em veículos como "The Guardian" e "BBC".

Segundo Coelho (2003), essa representação feminina também se deve ao fato cultural no país, o qual as mulheres procuram ocupar uma função e um cargo valorizado e reconhecido, assim como é o reconhecimento para os homens. Coelho (2003) ainda em sua análise, destaca que existia e ainda existe um comportamento de empresas de comunicação por preferência e exclusão do sexo feminino, pois o discurso é outro. Porém, as atitudes e interesses destes meios são colocados em contradição. Ele avalia que ainda são bastante as diferenças de gênero na organização social.

Nesse contexto, as mulheres devem estar preparadas para lidar com várias contradições para assim serem respeitadas, com o dever de agir, pensar e trabalhar, usando sempre como uma referência dessas ações trabalhar "como homens". Observou-se frente à literatura pesquisada que, no entanto, a invisibilidade feminina na área é sempre justificada pelos mesmos "clichês culturais", estabelecidos ao longo do tempo no país e com isso, as mulheres continuarão a luta durante mais algum tempo para quebrar esses pequenos tabus culturais, assim como apresenta NUNES (2006):

Poucos sabem, frisa Paulo Gurgel Valente, filho da ficcionista, que Clarice foi uma das primeiras repórteres brasileiras. No jornal, “por ser a única mulher, os colegas se sentiam constrangidos em dizer palavrões (ela ria gostosamente com a lembrança), tendo inventado então para isso um código de batidinhas na mesa”. (NUNES, 2006, p.64).

Para Ferraretto (2014), o futebol é o esporte mais popular e mais atrativo das editorias. Ele consegue atrair um público e grandes anúncios publicitários, e conseqüentemente, uma grande audiência por parte da comunicação de massa. O autor analisa e coloca em questão o porquê da maior parte dos jornalistas e comunicadores presentes serem do sexo masculino, tentando exemplificar as relevâncias sociais acerca das questões que envolvem a invisibilidade feminina e a predominante presença masculina neste meio.

As empresas jornalísticas eram pensadas e construídas como ambiente de sauna brega: só para homens. Nem havia banheiro feminino. No Estadão, à noite, quando fervia o trabalho jornalístico, as mulheres não eram aceitas nem na mesa telefônica. Havia mulheres como telefonistas, mas só durante o dia. À noite, um homem é que operava. Mulher podia ser telefonista, faxineira ou servir para fazer o café: circulava na área de serviço. (RIBEIRO, 1998, p.31).

Segundo Ribeiro (1998), houve uma necessidade de adaptar o rádio para a presença feminina, pois segundo o autor, essa ascensão e crescimento feminino transformaram-se e foi tomando conta das grandes editorias jornalísticas, tanto da TV, como de veículos impressos, mas no rádio o crescimento é bem menor se comparado a esses meios.

Infelizmente, o preconceito não é o único desafio enfrentado pelas jornalistas esportivas. O assédio, normalmente com cunho sexual, se tornou uma constante para as profissionais do sexo feminino. Em agosto de 2017, uma jornalista da CBN denunciou ter sofrido assédio do deputado Wladimir Costa (SD - PA) durante cobertura política em Brasília². No mês anterior, o técnico do "Sport Club Internacional", ao ser questionado por uma repórter sobre a atuação do time, respondeu: “Desculpe, eu não vou fazer essa pergunta para você, porque você é mulher e de repente não jogou (futebol)”³. Em abril

² Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/jornalista-denuncia-assedio-de-deputado-que-tatuou-nome-de-temer-21672327>>. Acesso em 20 de Maio de 2019.

³ Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/rs/futebol/times/internacional/noticia/incomodado-com-pergunta-guto-responde-a-reporter-voce-e-mulher-e-nao-jogou.ghtml>>. Acesso em 20 de Maio de 2019.

do mesmo ano, uma jornalista da Record TV do Rio Grande do Sul decidiu relatar um caso de assédio sexual que sofreu, quando era produtora do canal. Em março de 2018, a repórter da Rádio Gaúcha, Renata de Medeiros, foi agredida por um torcedor dentro do estádio Beira-Rio. A jornalista estava trabalhando quando ouviu: "sai daqui, sua puta". Ela reagiu à ofensa, começou a filmá-lo e pediu que repetisse o que estava dizendo diante da câmera ligada. Foi então que o torcedor tentou dar um soco, que deixou um hematoma no braço da repórter.

As mulheres formam a maioria da sociedade brasileira, conforme dados de 2017 do IBGE. No jornalismo, contudo, tal regra não se aplica. A força feminina ainda representa menos da metade do setor. Atualmente, 15.654 mulheres jornalistas estão empregadas em veículos de comunicação. Apesar de estar na casa dos milhares, o número representa somente 36,98% do mercado da imprensa no país, isso porque há empregos ativos para 26.678 jornalistas do sexo masculino. Os dados foram colhidos do *Workr*, plataforma de comunicação corporativa desenvolvida pelo "Comunique-se".

Na proporção de mulheres trabalhando nos meios de comunicação, a televisão e rádio estão em lados opostos. A mídia de TV é a única em que representantes do time feminino compõem mais da metade dos campos disponíveis de trabalho. Ainda de acordo com a mesma pesquisa, entre canais abertos e pagos são 4.040 mulheres jornalistas empregadas, contra 4.007 homens - fechando a conta em 50,21%. Em emissoras radiofônicas espalhadas país afora, o resultado é totalmente diferente. São 11.182 homens trabalhando, enquanto há apenas 2.284 comunicadoras (20,5% do total). O mapeamento se refere apenas a cargos relativos a funções jornalísticas, como repórter, apresentadora e diretora de redação. Entretanto, Coelho avalia que:

Era quase impossível ver mulheres no esporte até o início dos anos 70. A coisa mudou. Não que hoje as redações esportivas tenham o mesmo número de mulheres em relação ao contingente masculino. Mas é possível até que o índice feminino na redação reflita o interesse da população. Se em estádio de futebol, autódromo ou ginásio há mais homens do que mulheres é normal que haja também índice diferente de homens e mulheres nas redações. (COELHO, 2003, p.34)

Entretanto para Coelho (2003), nos dias atuais é fácil encontrar mulheres nesta editoria em TV e jornais, porém no rádio essa presença tem um índice muito baixo, mas existe uma explicação lógica para isso. E essa valorização por beleza não é algo novo no

país. Segundo Coelho (2003), esse fator feminino atrai e desperta olhares desde as “antiguidades” e que através disso, esse olhar e estética são fatores que atraem para as grandes emissoras de televisão.

O fato, no entanto, é que as mulheres na maior parte são encaminhadas para as editorias de esportes amadores. É mais fácil demonstrar conhecimento sobre vôlei, basquete e tênis do que sobre futebol e automobilismo. Territórios onde o machismo ainda impera. Mas também onde menos mulheres do que homens demonstram conhecimento. (COELHO, 2003, p. 35).

Dessa forma, para Coelho (2003), os meios de comunicação têm culpa na invisibilidade feminina na editoria esportiva, visto que são responsáveis por criar ações que desenvolvem o contexto social masculino em matérias, contribuindo e privilegiando uma visão e uma opinião estereotipadas que, ao longo do tempo, foi se desenvolvendo, criando culturalmente uma imagem ruim a respeito disso.

A primeira mulher repórter esportiva do rádio brasileiro, Regiani Ritter, foi também a primeira narradora, âncora e mulher a cobrir uma copa do mundo no ano de 1994⁴. Ritter é considerada uma das primeiras mulheres a cobrir o mundo do futebol, e sofreu muito preconceito de colegas e atletas, porém ela conseguiu se firmar e abrir o caminho para outras mulheres jornalistas esportivas no país.

E dessa forma, Ritter foi aos poucos tentando superar as barreiras e as dificuldades encontradas na época. Com a sua dedicação nas coberturas esportivas, ela conseguiu mostrar para o público que o lugar da mulher também pode ser no esporte, não só no futebol, mas em outros esportes dirigidos apenas por homens, e adquirindo fama e bastante reconhecimento por algumas pessoas que apoiavam a maior presença feminina nos estádios, não só como torcedoras, mas com a representação dentro do gramado.

No início da década de 1980, a jornalista, Marilena Lima ganhou fama no jornalismo cearense por ser a única mulher a cobrir futebol na região⁵. Ela cita em uma

⁴ Disponível em: <<http://www.portaldosjornalistas.com.br/>>. Acesso em: 16 abril de 2019.

⁵ De acordo com dados da Federação Nacional dos Jornalistas, FENAJ, publicados em reportagem de maio de 2013 pelo observatório da imprensa, 64% dos jornalistas são mulheres. O mesmo órgão aponta, em reportagem de 2 de janeiro de 2014 no blog Coisas de jornalista, que a maioria delas (68,8%) se encontra nas assessorias de imprensa. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/marketing/o-cenario-das-mulheres-no-jornalismo-esportivo/58081>>. Acesso em: 17 de maio de 2019.

entrevista feita pelo site “Verminosos por futebol”⁶, que chegou a receber várias ameaças de membros da Federação Cearense de Futebol (FCF) para que ela fosse banida da profissão, pois segundo os membros era um absurdo uma mulher estar em uma cobertura esportiva, algo inadmissível para o esporte na época.

Marilena Lima é considerada a primeira repórter cearense a transmitir e realizar coberturas esportivas e sofreu bastante com o preconceito na editoria. Cita vários exemplos na entrevista concedida ao “Verminosos por futebol”, os atos e ações de jogadores, dirigentes e demais cartolas que dominavam o esporte na época. Ainda na referida entrevista, a jornalista conta sobre as dificuldades enfrentadas na época e diz que, apesar de tudo, “o pessoal me recebeu bem”. E continua declarando: “Quando eu chegava, perguntava se podia entrar. Meus colegas de imprensa me ajudavam. No máximo atrasava um pouco a minha entrevista, já que os repórteres homens iam até o espaço de banho dos atletas”. Atualmente, Marilena Lima, com 61 anos, é documentarista e possui uma produtora, a “M Pro Filmes”, que realiza a produção de vídeos institucionais para organizações públicas e privadas e filmes independentes.

05. Comparativo das pesquisas de 2017 e 2019: “A involução durante o período”

Quando se resolveu trazer uma nova análise sobre a invisibilidade feminina no jornalismo esportivo do rádio sobralense, já se imaginava que o retrato seria o mesmo de dois anos atrás. Durante a análise e dados da programação esportiva das emissoras (Rádio Coqueiros, Educadora e Paraíso), foi observado e investigado a respeito da invisibilidade feminina no rádio esportivo da cidade de Sobral, chegando a possíveis preconceitos no discurso e estereótipos criados, ao procurar verificar por meio de uma análise das coberturas, programas esportivos realizados pelas emissoras, trazendo uma avaliação em relação à invisibilidade feminina na editoria de esportes do rádio sobralense.

Para realização desta nova pesquisa, fez-se uma análise da presença feminina de três veículos do rádio sobralense, que foram escolhidos para fazer uma observação e avaliação dos programas e coberturas esportivas realizadas pelas emissoras Coqueiros, Paraíso e a Rádio Educadora Nordeste. Estas emissoras fazem coberturas esportivas e tratam essa editoria como um produto de relevância a ser veiculado e explorado pelas

⁶ Disponível em: <www.verminososporfutebol.com.br>. Acesso em: 03 de abril de 2019.

rádios. Vale ressaltar que esta pesquisa contou com a colaboração das emissoras citadas, que forneceram material de sua programação para análise de dados.

Através de visitas, conseguimos perceber um discurso preconceituoso de um dos representantes da rádio Educadora, que por meio de questionamento sobre a presença de mulheres naquela emissora, falou: “As mulheres em Sobral não estão presentes no esporte, isso é um retrato geral, você não vai encontrar. Não tem espaço para elas”. Ao novamente ser questionado sobre, o mesmo respondeu com outra pergunta: “Por que você (homem) está pesquisando sobre isso?”. Ao final da visita à rádio, percebeu-se uma certa insegurança do sujeito em fornecer o material e um pouco de receio ou medo. Depois de iniciadas diversas justificativas, tais como: “Isso é uma realidade de todos os veículos do rádio aqui, não temos culpa nisso. Aqui não encontrará nenhuma mulher na área esportiva”, finalizou-se a visita à rádio.

As emissoras possuem uma grande equipe de radialistas que, durante a sua programação, os veículos observados são responsáveis por fazer narrações, comentários, reportagens, entrevistas, interagir com o público e apresentar propagandas veiculadas para os ouvintes. Em todos os veículos observados nessa pesquisa, existem coberturas de outras editorias, porém a editoria de esportes, em especial o futebol, possui um grande alcance e audiência do público local. E o foco desses veículos é a equipe local, o Guarany de Sobral. Vale destacar que a maior parte desses programas sofre com uma dúvida em sua nomenclatura, pois em quase todas aparece o de “esportes”, porém, é apenas destacado o futebol, pois grande parte é sobre esse esporte.

Durante os programas e coberturas esportivas das emissoras escolhidas, em análise feita por decupagem da programação esportiva de cada emissora, percebe-se que ainda existe uma ausência da narrativa feminina no rádio esportivo de Sobral. As apresentações e reportagens sempre são pautadas no caráter informativo, a partir de uma emissão de opinião de vozes masculinas sobre o assunto destacado, na qual é expressado por especialistas no assunto.

Vale dizer que a participação feminina na editoria de esportes não ocorre em nenhuma emissora da cidade de Sobral. Contudo, essa presença é inexistente em todos os aspectos, pois a divulgação das notícias é veiculada apenas por homens. Ao longo da pesquisa, se teve a oportunidade de identificar e observar essa problemática, e principalmente em se tratando desse tema, perceber um pouco de receio e barreira a ser derrubada. O assunto ainda gera um desafio a ser conquistado pelas mulheres.

A participação das mulheres no rádio de Sobral existe em outras editorias, como: Policial, Entretenimento, e Musical. Dessa forma, é importante estudar a razão da invisibilidade delas nos esportes, se essa problemática parte das emissoras que utilizam um critério de escolha para o sexo masculino, quando o assunto é esporte, em especial o futebol. Assim, é a partir desse cenário atual da invisibilidade feminina na editoria de esportes do rádio na cidade, que se dá início aos estudos, traçando um perfil de cada cobertura, analisando a coleta de dados desse meio de comunicação tão presente e de grande importância para a população da região.

Considerações Finais

No período da pesquisa, conseguimos trazer novos autores, estudos e observações que hoje são feitas, buscando analisar o preconceito e invisibilidade que segue presente na área da comunicação, em especial o rádio sobralense. Durante as visitas às emissoras de rádios em 2017 e 2019, percebeu-se o quanto os responsáveis tinham medo ou receio em fornecer o material com arquivos de programas a serem estudados. Essa diferença e ausência, vistas na editoria de esportes nas emissoras locais, é um retrato regional e possivelmente estadual, uma vez que a pesquisa está sendo realizada apenas em Sobral.

A presença feminina ocorre em todas as editorias desse meio de comunicação, tão popular e considerado o mais antigo. Todavia, chegamos a registrar a voz feminina em um programa esportivo, no qual se estava fazendo uma propaganda de sua loja de roupas e acessórios. E novamente, expomos uma problemática que envolve um caráter social e cultural e preconceitos pré-estabelecidos historicamente, ainda presentes na cidade.

As análises feitas nas duas pesquisas vão permitir entender e compreender as questões do papel da mulher, enquanto comunicadora e emissora ativa do discurso no Jornalismo Esportivo. No momento desta nova pesquisa, podemos fazer uma reflexão sobre o machismo presente nesse meio de comunicação local e mostrar como uma necessidade constante de atribuir funções/atividades para homens e mulheres, levantando uma divisão no mínimo preconceituosa.

Podemos definir a importância do presente artigo, como uma colaboração e exposição das dificuldades enfrentadas pelo sexo feminino no rádio esportivo

sobralense. A participação efetiva da mulher na mídia esportiva, em igualdade de condições com os homens, é apenas uma dessas tão necessárias transformações que precisamos.

No entanto, analisar algo “invisível” é uma tarefa difícil, porém uma problemática que traz muitas dúvidas e uma busca insistente em tentar contribuir para o ingresso e igualdade de gênero na comunicação. Trazendo novas análises e outras contribuições à problemática, possivelmente, elevando ela a outros campos, como Fortaleza, capital cearense, que concentra grande parte dos principais meios de comunicação do Estado, e uma diversidade quanto à presença das mulheres, uma realidade que não encontramos no rádio esportivo sobralense, porém mostra que elas ainda têm um longo caminho a percorrer.

O Jornalismo Esportivo, assim como outras esferas da nossa sociedade, submete mulheres a constrangimentos sob uma justificativa do senso de humor e acaba naturalizando uma violência sofrida por elas todos os dias. E o combate a essa violência são passos essenciais não só para a comunicação, como também para que possamos construir um mundo mais igualitário, sem privilégios e principalmente, sem preconceitos e intolerância.

Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo. Fatos e Mitos** (Vol. 1). 4.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 2ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

NUNES, Maria Aparecida. **Clarice Lispector jornalista: páginas femininas & outras páginas**. Editora: Senac, 2006.

NOGUEIRA, Francisco José Albuquerque. **JORNALISMO ESPORTIVO E INVISIBILIDADE FEMININA: ANÁLISE SOBRE A PRESENÇA DAS MULHERES NA PROGRAMAÇÃO ESPORTIVA DAS RÁDIOS DE SOBRAL**. Trabalho de Conclusão de Curso, 2017.

RAMOS, R. H. P. **Mulheres Jornalistas: a grande invasão**. São Paulo: Imprensa Oficial. Fundação Casper Líbero, 2010.

RIBEIRO, José Hamilton. **Jornalistas 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

ROCHA, Paula Melani. **As Mulheres Jornalistas no Estado de São Paulo: O Processo de Profissionalização e Feminização da Carreira**. Tese (Doutorado em Jornalismo). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2004.